

O SR. FREDERICO D’AVILA - PSL - COM ASSENTIMENTO DO ORADOR - Coronel Telhada, queria ajudar o senhor nessa constatação de que a Polícia Militar, após esse episódio, virou o mais novo bode expiatório da imprensa. Então, querem degolar os policiais militares e, com isso, apresentar um sacrifício para a sociedade e, principalmente, para esses jornalcecos.

Eu estava aqui bastante definido a votar contra a reforma da Previdência. Graças a essa plateia, estou começando a mudar de posição, porque é impressionante.

O SR. CORONEL TELHADA - PP - Não é só o senhor, não, deputado. Muita gente está pensando assim.

O SR. FREDERICO D’AVILA - PSL - Porque é impressionante a falta do que fazer que certas pessoas têm. Na hora que o senhor começou a falar de pancadão, teve gente ali que acha que isso é uma manifestação cultural.

Então, ou eles gostam da música, que é infernal, ali você só aguenta se estiver muito bêbado ou muito intoxicado por entorpecentes. Então, deve ter gente ali que se utiliza de muita bebida ou muitos entorpecentes.

Então, meu apoio integral à Polícia Militar, meu apoio integral à Polícia Civil e aos agentes penitenciários. Se o pancadão chegou a cinco mil pessoas, como consta das aferições da Polícia Militar, quando tinha 500, deveria ter sido cumprida a ordem de não realização de um evento como aquele, já deveria ter mandado o choque lá e largado a borracha.

O SR. CORONEL TELHADA - PP - Exatamente. Muito obrigado, Sr. Deputado, pela ilustração. Eu queria aqui lembrar então e mandar um recado para o governador também. Sr. Governador, o senhor tem que defender a sua Polícia Militar. O senhor tem que lembrar que quando o senhor precisa é essa Polícia Militar que está à disposição do povo e do apoio do governo.

Então, nós não admitimos que seja a Polícia Militar colocada como bode expiatório mais uma vez da esquerda sem discurso, porque o líder deles está preso e condenado, querendo usar a Polícia Militar como bode expiatório para essa besteira toda.

E lembrando o que o deputado falou também. Nós todos aqui - principalmente nós, funcionários públicos - estamos propensos a votar “ não”, estamos conversando, mas com a manifestação carinhosa de todos vocês, a gente repensa isso.

Podem ter certeza de que nós vamos repensar isso, porque a situação da Polícia Militar está resolvida. Segundo o Delegado Olim, a situação da Polícia Civil, da Polícia Técnico-Científica está resolvida e da SAP também.

Então o que eu quero dizer para vocês: se nós ainda estivermos com os professores, com os demais funcionários, é porque nós respeitamos muito essas pessoas. Agora, eu não sei quem vocês representam. Eu não sei o quanto vocês estão ganhando para estarem aqui para ficarem xingando a gente, mas estão fazendo a gente repensar.

Mais uma vez, Sr. Presidente, muito obrigado pela oportunidade. Viva a Polícia Militar!

O SR. SARGENTO NERI - AVANTE - COM ASSENTIMENTO DO ORADOR - Coronel Telhada, um grande amigo, eu estou entrando com um pedido judicial para uma vitória judicial no Paraisópolis. Isso é um mecanismo legal dentro do processo para uma vitória judicial no Paraisópolis no momento do baile funk juntamente com o Ministério Público.

Então, até segunda-feira eu estou impetrando esse pedido ao Poder Judiciário. Já que o Paraisópolis é uma coisa maravilhosa, então que o juiz do fórum da área vá lá fazer uma vitória judicial no momento do baile. Então eu estou pedindo ao Judiciário e ao Ministério Público.

O SR. CORONEL TELHADA - PP - Muito obrigado, Sr. Deputado. Então para encerrar mais uma vez aqui, o meu total apoio ao 16º Batalhão, o meu total apoio à Polícia Militar. Abaixo o pancadão. Viva a Polícia Militar!

O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - Para falar contra, a deputada Isa Penna.

A SRA. ISA PENNA - PSOL - Boa noite a todas e todos. Boa noite, gente. Eu queria olhar agora para aquela câmera e falar: Coronel Telhada, o senhor tem que cuidar da Polícia Militar do Estado de São Paulo e votar contra a reforma da Previdência.

É isso que o senhor tem que fazer. Abaixo à demagogia. A gente já está cansado disso, a gente já está cansado.

A gente vem aqui todos os dias. Os policiais militares desta Casa todos me conhecem, todos conversam comigo. Então, não há a menor margem para dizer que eu desrespeito esses trabalhadores, que trabalham, infelizmente, para um governo que é sim fascista, que é sim higienista.

Vários deles, que são moradores da periferia, que recebem ordens e que têm que as cumprir porque senão ficam presos, porque o regime de justiça militar é absurdo, é injusto, os reprimem. Tira o direito dos policiais de fazerem greve, tira o direito dos policiais, porque qualquer coisa vira insubordinação.

E é por essa razão que são eleitos falsos, mentirosos, representantes da polícia, que vêm aqui na frente gritar. Gritar eu também sei gritar. Qualquer um sabe gritar, mas e na hora de votar contra a reforma da Previdência? Porque eu quero perguntar: os policiais militares têm filhos? Esses filhos será que vão para a educação pública, para a escola pública?

Então eu acho, eu só acho que nós vivemos numa grande sociedade e os policiais, eu tenho certeza, sabem disso melhor do que qualquer um que está aqui, que se os professores forem precarizados, quem sofre é o filho de vocês. Se a Saúde for precarizada, quem sofre é o filho de vocês.

Se a Saúde for precarizada, quem sofre é o filho de vocês. Então não há aqui uma disputa entre quem defende bandido e quem defende policial. Eu defendo o povo. E a guerra, o que se viu em Paraisópolis? Policial é do povo. Trabalhador é do povo.

Paraisópolis é uma favela. Estamos no século XXI. Na verdade, o deputado não acha isso. O deputado faz isso para enganar muita gente. Infelizmente, tem muita gente que, no século XXI, ainda acha que tem gente que mora na favela porque quer. As pessoas não moram na favela porque querem, gente. (Manifestação nas galerias.)

As pessoas moram na favela porque o Brasil é o sétimo país mais desigual do mundo. Do mundo. (Manifestação nas galerias.) Porque seis pessoas... Vejam, isso é um dado de pesquisa. Afinal, o deputado é tão culto, né? Então me senti na obrigação de subir o nível aqui também.

Existe um dado que diz que seis pessoas têm a mesma fortuna que 50% da população mais pobre somada. Entenderam? Isso significa um índice de desigualdade inédito na história da humanidade. Isso, não sou eu que estou falando. A fonte é o Instituto Oxfam de pesquisa, um instituto seríssimo, que é inclusive publicado e veiculado pela “The Economist”, que é a bíblia dos tais liberais, que estão em falta aqui na Alesp.

Porque aqui na Alesp, de liberal mesmo, está ruim a coisa. Para ser liberal, tem que subir um degrauzinho na escada. Aqui não. Aqui a gente só vê corporativismo. Corporativismo e gente carguista. Gente que está aqui falando a mesma coisa, vai fazer quatro ou fazer cinco mandatos. E está aqui falando a mesma coisa.

Tadinhos deles, que acham que a roda da História não vai mudar. A roda da História vai mudar. E assim como a monarquia caiu, assim como em outros momentos os senhores feudais caíram, os imperadores caíram, vocês, coronéis, vão cair também. (Manifestação nas galerias.)

O momento de vocês vai passar também. Para mim é impossível ouvir...

O SR. CORONEL TELHADA - PP - A senhora me permite um aparte, deputada?

A SRA. ISA PENNA - PSOL - Não permito.

O SR. CORONEL TELHADA - PP - Muito obrigado. Democracia total. Parabéns.

A SRA. ISA PENNA - PSOL - Está lá no Regimento.

O SR. CORONEL TELHADA - PP - Ai eles falam em democracia.

A SRA. ISA PENNA - PSOL - Posso ou não posso permitir. Não permito. Não sou obrigada. Não sou obrigada. Continuando. Falando agora sobre o que a gente estava falando, que era o tema. Que é o que, gente? (Manifestação nas galerias.)

Reforma. A reforma. Porque eles vêm aqui para tentar o quê? Distrair, distrair.

O SR. CORONEL TELHADA - PP - A senhora me permite um aparte, deputada? Sra. Deputada, a senhora me permite um aparte? É regimental.

A SRA. ISA PENNA - PSOL - Presidente, presidente. Eu já disse que não. Eu já disse que não.

O SR. CORONEL TELHADA - PP - Mas estou pedindo de novo. A senhora não é democrática? Por que não me permite um aparte?

O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - Deputado Telhada, ela não concedeu o aparte a Vossa Excelência. Devolvo a palavra à oradora na tribuna.

O SR. CORONEL TELHADA - PP - Muito obrigado, deputada democrática do PSOL.

A SRA. ISA PENNA - PSOL - De nada. De nada. Pra você é assim mesmo. Vai se acostumando. Senhor? O senhor lá é autoridade, meu filho? Sou tão deputada quanto você.

Você acha que tenho medo de você? Por quê? Porque você é coronel, porque você é polícia? Você acha que você vai falar assim comigo? Sou uma mulher deputada eleita. Coloque-se no seu lugar. (Manifestação nas galerias.)

Voltando a falar sobre a reforma. Voltando a falar sobre a reforma. O que está se fazendo aqui é uma chantagem com vocês. Vou dizer isso de forma muito clara. Vocês viram que irritei.

Vocês viram que dei uma irritadinha. Ficou nervoso. Quem não deve, não teme, gente. Quem não deve, não fica nervoso assim não. Então fica a dica para a gente, percebendo quem é quem nesse plenário, porque é um verdadeiro jogo de xadrez aqui.

Mas, voltando, vamos lá. Eles estão fazendo uma chantagem aqui com vocês. “Porque os professores vêm aqui e se manifestam, e a plateia é mal-educada, então não vou mais votar.” Que papo é esse? Gente, alguém aqui acreditou, por algum minuto, que são os gritos de vocês que vão fazer deputado votar “sim” ou “não” na reforma?

Não é. São as emendas, são os carquinhos. Ô, meu Deus. É o velho jogo do coronelismo moderno, que ainda é vigente. E que tem gente que não quer, que não gosta. Mas tem gente aqui para falar contra. Está irritado. Está irritado o bicho ali. Calma, fica tranquilo. Não quero ver você de perto, deputado; nem de nenhum jeito, deputado. Não quero ver o senhor de jeito nenhum.

Eu vou ler aqui um texto. Não sei se vocês ficaram sabendo: da última vez que eu li um texto, isso aqui virou de ponta cabeça. Eu vou ler um textinho aqui para vocês, hein. O nome do texto é...

É um texto que foi escrito para crianças, da autora Ruth Rocha, que é uma escritora muito respeitada. E o texto se chama “O Reizinho Mandão”. Alguém entendeu? (Manifestação nas galerias.)

“O reizinho era um sujeitinho muito mal-educado. Mimado, desses que as mães deles fazem todas as vontades”. Vocês estão reconhecendo alguém aqui, gente? (Manifestação nas galerias.) Vocês que estão dizendo, hein. “E eles ficam pensando que são os donos do mundo”.

Podia ser o Doria, mas não é. “Eu tenho uma porção de amigos assim: querem mandar nas brincadeiras, querem que a gente faça tudo que eles gostam. Quando a gente quer brincar de outra coisa, ficam logo zangados. Vão logo dizendo: ‘não brinco mais’.

E quando as mães deles vêm ver o que aconteceu, se atiram no chão, ficam roxinhos, espermeiam e tudo. Então, as mães deles, como eu estava contando... Precisa ver o reizinho, que chato que ele ficou: mandão, teimoso, implicante, xereta.

Ele era tão xereta, tão mandão, que queria mandar em tudo que acontecia no reino.” Quando eu digo tudo, era tudo mesmo, até a Previdência dos professores, dos enfermeiros, dos agentes de Segurança, dos trabalhadores de Segurança Pública.

“A diversão do reizinho era fazer leis e mais leis. E as leis que ele fazia eram as mais absurdas do mundo.” Tipo a reforma da Previdência, né gente. “Olhem só essa lei: ‘fica terminantemente proibido cortar a unha do dedão do pé direito em noites de lua cheia’.”

Olhem só essa lei: ‘fica terminantemente proibido aos professores receberem uma Previdência, uma aposentadoria digna’. “E assim o reizinho continuava mandando. Eu tenho a impressão de que o reizinho não sabia de nada mesmo, inventou todas essas tolices porque ele queria mesmo era mandar em todo mundo”.

E assim termina um conto infantil, que eu achei muito adequado para a situação. Porque esse reizinho tem nome, e ele se chama João Doria. Ele está querendo controlar o Legislativo. Vocês, são deputados e que foram eleitos, que são autoridades, exerçam a autoridade de vocês.

Não tem um bando de macho aqui nesse plenário? Não é um bando de macho? (Manifestação nas galerias.) Mas, na hora de enfrentar o governo, cadê? Cadê a “macharada” na hora de enfrentar o governo? Some. Eu não, eu já sou mulher. (Manifestação nas galerias.) E, sendo mulher, eu tenho muito mais peito para enfrentar o governo do que muito deputado aqui.

E eu quero dizer: o meu máximo respeito... Pode ser deputado do PSDB, pode ser deputado do PSB, pode ser deputado do PSL, pode ser deputado do Progressistas, do Podemos, do PT, do PSOL; mas o deputado que, aqui, demonstrar que essa Casa Legislativa ainda está de pé, não vai ter só o meu respeito, vai ganhar alguns anos para a gente, de república, de democracia. E é isso que está em questão aqui. (Manifestação nas galerias.) É o poder de essa Casa incidir sobre a vida concreta do povo.

Então, eu não venho aqui com a intenção de... Até o Coronel Telhada ficou nervoso. Eu não tive a intenção de provocar o senhor coronel, Excelentíssimo, nobre, ilustríssimo Coronel Telhada, mas ao contrário, eu venho aqui fazer um apelo a todos vocês. O que está em risco é a democracia.

Não chantageiem o povo. Chantagear o povo, vim dizer que não vai votar porque foi vaiado? Está o quê, na terceira série? Isso aqui é um Parlamento. Isso aqui é um Parlamento. Quem fala o que quer, não é? Minha mãe já dizia, quem fala o que quer, ouve o que não quer.

Se você se sente no direito de vir aqui e ofender tantos trabalhadores para dizer que “olha, meu setor está tranquilo, eu já negociei tudo com o governo. Então, oh, se você continuarem se expressando eu vou votar contra vocês”. Isso é chantagem, chantagem. É absurda essa postura dos deputados. Isso não pode acontecer em um Parlamento.

E por fim dizer que aqueles deputados que votarem a favor da reforma, eu tenho aqui, digo em nome do Partido Socialismo e Liberdade, a gente vai na base eleitoral de cada um, a gente vai na base eleitoral de cada um dialogar com os trabalhadores e fazer política na base.

Ai pega. Vocês estão vendo? Ai é onde pega. Pois é lá que a gente vai mesmo. É lá que a gente vai mesmo, porque quem votar não volta. Um beijo servidores públicos. Estamos juntos até o final!

O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - Pelo tempo remanescente, a deputada Adriana Borgo.

A SRA. ADRIANA BORG0 - PROS - Eu passo o meu tempo para o Neri.

O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - Tem a palavra o deputado Neri, para falar pelo tempo da deputada Adriana Borgo.

O SR. SARGENTO NERI - AVANTE – Boa noite presidente, boa noite demais deputados. Presidente, eu quero deixar aqui toda a nossa solidariedade ao efetivo do 16º Batalhão, batalhão que eu trabalhei por 17 anos.

Quero também deixar toda a solidariedade ao tenente-coronel Ferreira, que vem fazendo um brilhante trabalho e não poderia deixar de apoiar o nosso comandante geral. E vou fazer um apelo ao governador: não troque nosso comandante.

Não faça esse absurdo porque nós parlamentares militares estamos juntos. Estou errado Major Mecca? Estou errado Coronel Telhada? Estaremos juntos, não só com o 16º Batalhão, mas junto ao nosso comandante geral, coronel Salles, que vem fazendo um excelente trabalho.

E não adianta vir crucificar os nossos policiais. De polícia operacional e de favela eu conheço. É muito fácil para a deputada Isa vir aqui e falar de comunidade. Eu fiz um convite a outros deputados: vamos comigo em Paraisópolis uma hora da manhã pro baile funk, chega lá para o traficante e fala “você não pode vender mais droga”, falar para aquele que vende bebida para menor e falar “você não pode mais vender bebida”. Eu quero ver qual o deputado, eu quero ver qual o deputado que tem peito para fazer isso.

Eu quero ver. Não, estou falando aqui quem vive excomungando a Polícia Militar. Falar é fácil. Quando os professores são agredidos, a primeira coisa é ligar 190. Eu recebi uma comissão de professores pedindo pelo amor de Deus para ter o Proerd.

E depois vem escrachar a Polícia Militar? Eu sei o quanto a minha corporação faz pela Educação, pela Saúde e pela sociedade paulista. Eu sei. Então, para a senhora falar, doe o seu salário para Paraisópolis para fazer um evento bonito.

Doze meses de doação de salário da senhora, a senhora vai construir uma coisa melhor. Mas não venha condenar a nossa Polícia Militar. Se tiveram lá nove mortos, vocês não sabem por quê. Os nove mortos estavam na escadaria. É por isso que eles morreram: porque um caiu e aconteceu o que aconteceu.

O SR. CORONEL TELHADA - PP – Pela ordem, Sr. Deputado. Permite um aparte?

O SR. SARGENTO NERI - AVANTE – Pode falar, com certeza. O SR. CORONEL TELHADA - PP – COM ASSENTIMENTO DO ORADOR – Em primeiro lugar, quero parabenizar V. Exa. pela defesa institucional da Polícia Militar.

Quero aqui responder à deputada Isa, que me citou nominalmente: eu não costumo citar nome de deputado. Mas, já que eu fui citado nominalmente, eu acho que eu tenho o direito de responder a ela.

Primeiro, deputada, a senhora precisa ler melhor o Regimento. Acho que é uma coisa que a senhora não tem feito. Mas, eu respeito, que a senhora é novinha. É iniciante, a senhora vai aprender, aínda.

Segundo, eu queria lembrar a V. Exa. que a última que nós perdemos para o governo dos precatórios foi porque a senhora não estava na Casa. A senhora, que grita tanto que vai votar, não estava aqui para votar. E, nós perdemos aquilo.

A senhora estava, não é? A senhora cuida da sua vida e eu cuido da minha. Mas, devido ao seu voto de não estar presente, nós perdemos o precatório.

Então, a senhora não tem moral de vir aqui ficar gritando, me apontando, o nome, e falando de coronel da PM. Porque, eu digo novamente, eu não cito o nome de ninguém aqui.

Mas, citeu meu nome. Chumbo trocado não dói, não é verdade? Então, a senhora se ponha no seu lugar, pense antes de falar, e venha trabalhar, que a senhora ganha mais.

Muito obrigado.

O SR. SARGENTO NERI - AVANTE – É muito fácil crucificar a Polícia Militar. Hoje, na Comissão de Administração e Finanças, eu falei lá: “Eu vou fazer oposição ao governador”. Eu nunca fiz nessa Casa.

Mas, vou fazer oposição ao governador até ele se retratar com a Polícia Militar e com o nosso comandante-geral. É inadmissível ele dizer que arrancou 38 policiais da operacional.

Se nem 38 tinha, o efetivo que trabalhou na Paraisópolis era de 32 policiais. E, como é que ele veio falar que afastou 38 policiais? E, de Segurança Pública e Polícia Militar eu conheço.

E, vou falar: está aqui o Coronel Telhada e o Major Mecca, que trabalhou, foi operacional. Mas, eles não foram tropa, como eu fui. Eu estou errado, Coronel?

Eu fui tropa a vida inteira, e eu sei aonde pegar o erro do governo. Eu vou fazer vídeo, eu vou nos batalhões, eu vou nas companhias, eu vou pegar no pé do governo.

Ou ele se retrata no caso de Paraisópolis, ou ele apoia o nosso comandante-geral, ou ele vai ficar exposto quanto à Segurança Pública. E, eu conheço de batalhão. Eu sei aonde atacar o Governo.

Nem o Coronel Telhada nem o Major Mecca conhecem de tropa como eu conheço. Porque chegou num nível da carreira deles em que eles tiveram que comandar em âmbito de administração.

Eu, não. Eu fiquei a vida inteira junto com a tropa. Então, eu sei o que passa a nossa tropa, e eu sei aonde a corda arrebenta, e eu sei aonde a parte governamental não atinge. E, eu vou mostrar, pode ter certeza.

A SRA. ADRIANA BORG0 – PROS – Eu só queria constatar aqui e deixar o meu voto registrado, que eu sou contra a reforma da Previdência.

Só por um motivo: porque eu não entendi ainda muitas coisas. Mas, eu também tenho de dizer que nós demos um passo muito grande na Segurança Pública, conseguimos várias emendas das quais pleiteávamos. Inclusive, a SAP. Quero te agradecer, Sargento Neri, ao Cauê Macris, por ter levado as nossas emendas lá.

Temos conseguido incluir a SAP também. Mas, eu gostaria de fazer um pedido aos meus amigos aqui: por favor, a gente tem feito um trabalho todos os dias de convencer na legalidade, na necessidade, para que a democracia seja mantida nesta Casa, mas que orientem as pessoas.

Porque, realmente, nos ofende quando nós ouvimos algumas coisas. E, eu não estou falando como parlamentar. Eu estou falando como mulher de um policial. Eu me sinto ofendida, porque todos os dias, nesta Casa, nós temos visto a luta para se manter a ordem aqui.

Deputado que vêm aqui afrontar o povo. E, inclusive, quero dizer isso, que houve um manifesto, na verdade, um requerimento que eu assinei para que se esvaziasse a galeria, e eu assinei pensando que era no dia, por conta do que tinha acontecido aqui, por conta das palavras do Arthur.

Enfim, e, na verdade, aquilo era para um ato do dia 4, não valia para o dia seguinte, eu não sabia que isso ia se prorrogar. Então, peço desculpas pela falta de conhecimento.

Assinei, fiz uma notificação porque não tinha mais como mudar. Mas, eu venho pedir que os senhores aqui por favor orientem para que não haja isso.

E, também gostaria, Sargento Neri, de agradecer a todos os policiais da Casa. Nós pedimos elogios e medalhas para eles. Porque no dia daquela confusão aqui na Casa, eles foram empurrados, massacrados.

E, eles foram de uma presteza e de um profissionalismo tão grande em tão pouco tempo, que eu só tenho elogios para todos os policiais aqui da Casa, e também deixar aqui o meu apoio ao comandante-geral da Polícia Militar, que demonstrado estar do lado da tropa, e dizer ao governador que eu gostaria também que ele rebesesse...

O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - Deputada Adriana, eu tenho que parar a fala de Vossa Excelência. Encerremos a sessão por falta de tempo. Devolvo o tempo de sete minutos e 17 segundos a V. Exa., assim que nós reabrimos a sessão. Então, esgotado o tempo da presente sessão, lembrando todos os deputados que em dez minutos teremos a segunda sessão extraordinária.

Está levantada a sessão.

- Levanta-se a sessão às 15 horas e 42 minutos.

11 DE DEZEMBRO DE 2019

75ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

Presidência: CAUÊ MACRIS e GILMACI SANTOS
Secretaria: GILMACI SANTOS, FREDERICO D’AVILA, ALTAIR MORAES, MARIA LÚCIA AMARY, DRA. DAMARIS MOURA e CARLA MORANDO

RESUMO

ORDEM DO DIA

1 - PRESIDENTE CAUÊ MACRIS

Abre a sessão. Coloca em discussão o PLC 80/19.

2 - SARGENTO NERI

Discute o PLC 80/19 (aparteado pelos deputados Adriana Borgo, Douglas Garcia, e Frederico d’Avila).

3 - EMIDIO LULA DE SOUZA

Discute o PLC 80/19 (aparteado pelos deputados Sargento Neri, Coronel Telhada e Professora Bebel Lula).

4 - CAMPOS MACHADO

Solicita verificação de presença.

5 - PRESIDENTE CAUÊ MACRIS

Defere o pedido. Determina que seja feita a chamada de verificação de presença, que interrompe quando constatado quórum.

6 - CAMPOS MACHADO

Discute o PLC 80/19.

7 - GILMACI SANTOS

Assume a Presidência.

8 - CAMPOS MACHADO

Solicita verificação de presença.

9 - PRESIDENTE GILMACI SANTOS

Defere o pedido. Determina que seja feita a chamada de verificação de presença.

10 - PRESIDENTE CAUÊ MACRIS

Assume a Presidência. Interrompe a verificação de presença, quando constatado quórum.

11 - TEONILIO BARBA LULA

Para questão de ordem, indaga à Presidência a aplicação do art.18, II, b, do Regimento Interno, em oposição ao trâmite do PLC 80/19.

12 - PRESIDENTE CAUÊ MACRIS

Afirma que deve responder em momento oportuno.

13 - PAULO LULA FIORILO

Discute o PLC 80/19 (aparteado pelo deputado Wellington Moura).

14 - CAMPOS MACHADO

Discute o PLC 80/19.

15 - CAMPOS MACHADO

Solicita verificação de presença.

16 - PRESIDENTE CAUÊ MACRIS

Defere o pedido. Determina que seja feita a chamada de verificação de presença, que interrompe quando constatado quórum.

17 - JOSÉ AMÉRICO LULA

Discute o PLC 80/19 (aparteado pelo deputado Carlão Pignatari).

18 - CAIO FRANÇA

Discute o PLC 80/19 (aparteado pelo deputado Carlão Pignatari).

19 - LUIZ FERNANDO LULA DA SILVA

Discute o PLC 80/19 (aparteado pelo deputado Sargento Neri).

20 - CAMPOS MACHADO

Discute o PLC 80/19.

21 - PRESIDENTE CAUÊ MACRIS

Encerra a sessão.

- Abre a sessão o Sr. Cauê Macris.

O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - Presente o número regimental de Sras. Deputadas e Srs. Deputados, sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos. Esta Presidência dispensa a leitura da Ata da sessão anterior.

Ordem do Dia.

- Passa-se à

ORDEM DO DIA

O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - Discussão e votação do Projeto de lei Complementar nº 80, de 2019. Para falar contra, pelo tempo remanescente, o nobre deputado Sargento Neri.

A SRA. ADRIANA BORG0 - PROS - Um aparte?

O SR. SARGENTO NERI - AVANTE - Só vou passar essa mensagem. Olha só, presidente, recebi uma mensagem agora: os policiais da administração do 16º Batalhão irão trabalhar das 18 às seis da manhã no entorno de Paraisópolis.

Policiais da administração, de sexta a domingo. Então, o policial trabalha na administração de segunda a sexta; aí ele entra às 18 horas e sai às seis da manhã do sábado, e vai trabalhar sexta, sábado e domingo.

O problema não é trabalhar, porque estamos acostumados a trabalhar na PM. Estamos acostumados,